

Difusão dos processos comunicacionais na Revista do IHGSP - Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, entidade precursora das Ciências da Comunicação no Brasil

José Marques de MELO¹

Resumo: Este artigo se propõe a inventariar o percurso histórico da comunicação no Brasil, no período compreendido pelos anos de 1963 e 2013. O objetivo é diagnosticar as fontes canônicas desse, então, novo campo do conhecimento, destacando acontecimentos, instituições e as primeiras gerações de pesquisadores.

Palavras-Chave: comunicação; história da comunicação, Revista IHGSP

La difusión de los procesos de comunicación en el Magazine del IHGSP (Instituto Histórico y Geográfico de San Pablo), entidad precursora de las Ciencias de la Comunicación en Brasil

Resumen: Este artículo tiene como objetivo hacer un mapa del camino de la Comunicación en Brasil, entre los años 1963 y 2013. La intención es producir un diagnóstico de las fuentes canónicas de ese, entonces, nuevo campo del conocimiento, destacando los acontecimientos, las instituciones y las generaciones inaugurales de investigadores.

¹ Professor Emérito da ECA-USP, dirige atualmente a Cátedra Unesco/ Umesp de Comunicação.

Palabras-clave: Comunicación; Historia de la Comunicación; Magazine IHGSP

Preâmbulo

Durante o ano de 2013, a Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo – FAPESP, promoveu, em parceria com a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM, um ciclo de estudos destinado a inventariar o percurso histórico das ciências da comunicação no Brasil, período 1963-2013.

Diagnosticando as fontes canônicas desse novo campo do conhecimento no interior das ciências sociais aplicadas, esse evento suscitou debates elucidativos entre os representantes de três gerações que vem contribuindo para sedimentar a comunidade brasileira da área.

A celebração do cinquentenário teve como referência a fundação do Instituto de Ciências da Informação – ICINFORM, por iniciativa do professor Luiz Beltrão, na cidade do Recife, no dia 12 de dezembro de 1963, no campus da Universidade Católica de Pernambuco.

Os expositores tomaram como marcos de referência paulista os estudos e pesquisas desenvolvidos por duas instituições de prestígio nacional: a Faculdade de Comunicação Cásper Líbero - FACASPER - e a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA-USP.

Contudo, os avanços cognitivos ali feitos de forma regular e sistemática foram precedidos por iniciativas realizadas em outras instituições paulistas, como é o caso do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo - IHGSP.

Fruto da cultura historiográfica plasmada no Brasil monárquico, esse episódio está ancorado na Revolução do Porto, que determinou o retorno a Lisboa da Corte de D. João VI e motivou os conflitos desencadeados pela falta de sensibilidade dos constituintes de 1820. Ignorando a condição do Brasil, Reino Unido a Portugal e Algarves, os legisladores lusitanos agiram como se o continente luso-americano permanecesse no estágio colonial. Não demorou que o Príncipe Regente bradasse “independência ou morte”, às margens do Ipiranga, pondo em sua própria cabeça a “coroa brasileira, antes que algum “aventureiro” o fizesse. (Marques de Melo, 2014)

Mas seu período governamental durou muito pouco. Pedro I intempestivamente retornou a Portugal, onde se tornou Pedro IV, assim garantindo a permanência da “coroa lusitana” na cabeça dos Bragança. Enquanto isso, a “coroa brasileira” permaneceu em poder do

filho menor Pedro II, cuja educação esmerada contou com o respaldo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB. Fundada em 1838, essa entidade teve a missão de produzir conhecimento historiográfico para nutrir o projeto de uma “nação brasileira”, contando com o reforço de organismos semelhantes, nos espaços estaduais. (Diehl, 1998, p. 32)

Como já advertira no III Encontro Inter-regional de Cientistas Sociais do Brasil (1975), “os estudos de comunicação, no Brasil, começaram”, no século XIX, dentro de duas áreas: História e Direito. (Marques de Melo, 1978, p. 183). Aqui, pretendemos analisar a difusão dos estudos daqueles processos comunicacionais veiculados pela Revista do IHGSP, instituição centenária, focalizando particularmente a contribuição do historiador Affonso A. de Freitas (1868-1930) e de outros companheiros de sua geração.

Para tanto, reproduzimos hipóteses ou variáveis, atualizando dados contidos nas obras *São Paulo na Idade Média* (São Paulo, A&C, 2004) e *Os Bandeirantes da Idade Média* (São Paulo, Angellara, 2007).

Ethos bandeirante

Determinados por contingências históricas, os processos comunicacionais produziram marcas indeléveis na fisionomia cultural da sociedade paulista.

O conceito de *sociedade paulista*, aqui empregado, não se limita à denotação geo-econômica, correspondendo ao contingente humano que vive dentro das fronteiras do Estado de São Paulo. Unidade da República Federativa do Brasil situada no Sudeste, região que concentra o maior parque industrial do país, além de produção agropecuária diversificada com elevado grau de produtividade (Larousse Cultural – *Brasil A/Z*, São Paulo, 1988, p. 747). Esse conceito tem forte conotação sócio-política, em decorrência da hegemonia que São Paulo conquistou em todo o território nacional, exportando capitais e tecnologia, importando mão de obra e valores culturais.

Trata-se de uma sociedade que “apresentou desde logo um acento preponderante: a mobilidade” (DIEGUES JUNIOR, 1960, p. 235-236), responsável pela formação do seu tipo humano característico: o **bandeirante**, na visão de Manuel Diegues Junior. Ele foi gerado no ventre de uma economia colonial estigmatizada pela pobreza, que obrigou sua população masculina a desbravar terras longínquas em busca de riqueza. A pujança e a fartura só chegariam durante a transição entre os séculos XIX e XX, conjuntura marcada pela expansão da lavoura cafeeira como produto de exportação e pelo surto industrial que se agiganta no auge da imigração estrangeira.

Emergiu inevitavelmente uma civilização eivada de “dinamismo e contradições”, cuja “aspiração à hegemonia nacional” converte-se em “motivação básica do comportamento político dos paulistas”. Essa “autoconfiança”, segundo Love, “beirava a arrogância” (LOVE, 1982, p. 140-141).

Ao fazer um “exercício de memória”, em busca da “identidade paulista”, Carlos Guilherme Mota endossa a tese defendida por Milton Santos a propósito da “modernidade” precoce de São Paulo. “Isso, graças à importação, pelos imigrantes, de hábitos e aspirações, mas também pelo meio ambiente construído, próprio para uma expansão sustentada” (MOTA, 2003, p. 241).

Na base da sociedade paulista está o que Ernani da Silva Bruno classifica como “civilização de inspiração européia (a despeito de absorver valores de culturas estrangeiras à Europa)” (BRUNO, 1967, p. 1).

Por isso mesmo, ao esboçar o perfil étnico paulista, Aroldo de Azevedo explica que a heterogeneidade é a principal característica dessa população descendente de “velhos e tradicionais troncos lusitanos, a que se acrescentam os que provêm da imigração iniciada na segunda metade do século XIX, a par de mestiços e negros, cuja presença e cuja formação remontam aos tempos coloniais” (BRUNO, 1967, p. 1).

Com riqueza de detalhes, o geógrafo paulista exhibe a complexidade da sociedade paulista, resultante de múltiplas convergências culturais. “Sem falar no *stock* indígena, hoje praticamente desaparecido, o Estado de São Paulo pode ser comparado a um microcosmo étnico. Brancos originários da Península Ibérica, da Bacia do Mediterrâneo e da Europa Central, cujos nomes de família lembram Portugal, Espanha, Itália, Líbano, Síria, Alemanha e outras áreas européias. Negros e mulatos, cujos ancestrais vieram de Angola e de Moçambique. Caboclos descendentes dos índios, que ainda no século XVIII, eram numerosos em terras paulistas, resquícios dos mamelucos do Brasil colonial. Amarelos de origem asiática, sobretudo vindos do Japão (...) . Todos integrados na comunidade paulista, orgulhosos de a ela pertencer” (Azevedo, 1967, p. 65).

Durante o período da colonização lusitana, São Paulo caracterizou-se como espaço típico de germinação da identidade brasileira. Abrigando processos de interação simbólica que correspondiam às demandas das camadas rústicas da população, plasmou a mestiçagem étnica e fortaleceu a miscigenação cultural, fatores decisivos para a independência nacional.

O primeiro governo monárquico não conseguiu ocultar sua desconfiança, dificultando a implantação da

imprensa nos Campos de Piratininga, como consequência da ousadia paulista no episódio da independência e de outros mal entendidos. Ao postergar o funcionamento da tipografia, reivindicada pelas autoridades provinciais, a Corte sonhejou à elite regional o usufruto dos benefícios ensejados pela circulação de produtos intelectuais.

Essa defasagem começa a declinar na fase republicana, cuja edificação contou, aliás, com expressiva participação de lideranças paulistas. Em meados do século XX, São Paulo protagonizaria feitos notáveis no âmbito comunicacional, assumindo a vanguarda das indústrias midiáticas do país (rádio, cinema, livro). Fomenta o pioneirismo no campo da Publicidade, das Relações Públicas, do Ensino de Jornalismo, da Imprensa Sindical e da Comunicação Empresarial, além de disseminar inovações como a Offset, a Televisão e a Internet, sem deixar de fortalecer a identidade brasileira, mesmo num cenário emoldurado pela globalização cultural.

IHGSP, alavanca da história midiática

Coube aos Institutos Históricos, durante a segunda metade do século XIX e princípios do século XX, participação significativa na reconstituição da trajetória dos processos comunicacionais brasileiros.

No caso paulista, o papel desempenhado pelo IHGSP foi decisivo para a construção dessa História Midiática, estimulando o trabalho de autores paradigmáticos. Suas obras serviriam como ponto de referência para o desempenho das gerações posteriores.

Revisando a produção historiográfica dessa instituição, durante o seu primeiro século de atividades (1894-1994), constata-se um forte viés elitista, figurando a comunicação erudita como objeto hegemônico de pesquisa. Em posição secundária, do ponto de vista quantitativo, acham-se a comunicação massiva e a folk-comunicação.

No quadro seminal da pesquisa histórica sobre a comunicação paulista, destaca-se a figura polifacética de Affonso de Freitas, que, discrepando dos seus companheiros de geração, demonstrou interesse não apenas pela comunicação das minorias cultas, mas também pelos emergentes processos da comunicação coletiva e pelos fluxos comunicacionais protagonizados pelas classes subalternas.

Vanguardismo

Da mesma forma que a gênese da História Nacional da Comunicação está enraizada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RODRIGUES, 1969),

sendo a Revista do IHGB o veículo principal da sua disseminação, encontraremos também a História Paulista da Comunicação ancorada no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, figurando a Revista do IHGSP como canal privilegiado da sua difusão intelectual.

Coube ao Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, secretário perpétuo do IHGB, a primazia dos estudos históricos sobre os processos comunicacionais brasileiros, ao publicar em 1856, na *Revista do IHGB* (tomo 19), o ensaio “Reflexões o sistema de catequese seguido pelos jesuítas no Brasil”. Se essa incursão pioneira focaliza um fenômeno da comunicação erudita, ou seja, a pedagogia missionária católica, logo depois ele traria uma contribuição seminal para a história da comunicação massiva, publicando o artigo “A imprensa no Brasil” no *Jornal Ilustrado*, uma revista popular noticiosa que contava com a legitimação da elite carioca.

No cenário paulista, a precedência de tais estudos deve ser creditada a Lafayette de Toledo, autor do primeiro inventário da imprensa de São Paulo, publicado sob o título “Imprensa paulista: memória histórica”, na edição n. 3 da *Revista do IHGSP*, no ano de 1898.

Quando revisamos o levantamento documental organizado por Esther Bertoletti e seus colaboradores – Bibliografia da Imprensa -, fica explícito o protagonismo do IHGSP na reconstituição dos fatos e dos personagens que marcaram a fisionomia da comunicação no Estado de São Paulo.

As principais fontes sobre a história midiática paulista estão contidas em edições da *Revista do IHGSP*, pelo menos até a primeira metade do século XX. Tal liderança passou a ser compartilhada, nos últimos cinquenta anos, por instituições emblemáticas sociedade paulista, como o Arquivo Público Municipal ou a Universidade de São Paulo.

Evidências

Diante dessa premissa, pareceu-nos indispensável resgatar a contribuição do IHGSP e dos seus sócios para a construção da memória histórica da comunicação paulista, neste momento em que se inicia o ciclo de estudos “Itinerário da Mídia em São Paulo”.

Para tanto, tomamos como fontes referenciais os *Índices da Revista do IHGSP*, respectivamente publicados em 1964 (sob a égide de Aureliano Leite) e em 1994 (por iniciativa de Hernani Donato). Trata-se de um inventário significativo, simbolizando o trabalho induzido pelo IHGSP no seu primeiro centenário. O primeiro volume contém a produção historiográfica dos primeiros setenta

anos (1894-1964) e o segundo registra o esforço intelectual acumulado nas três últimas décadas (1964-1994).

É natural que essa temática não tenha merecido grande destaque no conjunto das preocupações científicas dos membros do Instituto, mais seduzidos pelos fenômenos basilares da História Política ou Econômica, ficando a História Cultural relegada a um patamar secundário. Mesmo assim, pode-se afirmar que as incursões sobre a História da Comunicação conquistaram um lugar relativo na nossa vida institucional, perfazendo um total de 167 registros hemerográficos, o que corresponde a uma média anual de 16,7 referências durante o primeiro centenário².

Para catalogar as fontes hemerográficas a seguir analisadas, adotamos um conceito abrangente de História da Comunicação, seguindo critério de natureza sócio-cultural, que compreende três níveis de difusão simbólica:

- a) Comunicação Erudita (também chamada comunicação das elites)
- b) Comunicação Massiva (também chamada de comunicação das classes médias e das classes trabalhadoras)
- c) Comunicação Popular (também chamada de comunicação folclórica, protagonizada pelas classes subalternas ou pelas camadas marginalizadas da sociedade)

É sintomático que, no âmbito de uma associação tradicional como o IHGSP, a primeira modalidade de comunicação tenha suscitado o maior interesse dos historiadores (a *comunicação erudita* concentra 44 % das referências), cabendo às demais lugares reduzidos, denotando a pouca importância que lhes é tributada pelos membros desta casa. Assim sendo, a *comunicação massiva* empalmou 35 % dos estudos, figurando a *comunicação popular* ou *folkcomunicação*³ com apenas 21 % dos registros.

No segmento da *Comunicação Erudita* (74 referências) as espécies *Literatura* (18), *Música* (16), *Língua* (11) e *Educação* (11) hegemônizam o espaço hemerográfico, aparecendo minoritariamente as espécies *Editoração* (9), *Fotografia* (5) e *Teatro* (4).

2 Tal cifra é contudo provisória, incluindo tão somente as registros hemerográficos que focalizam temas especificamente comunicacionais. Ela pode ser acrescida se fizermos um rastreamento exaustivo, incluindo também os textos que focalizam as histórias de vida de seus protagonistas emblemáticos como por exemplo os jornalistas e escritores.

3 Denominação proposta por Luiz Beltrão, o pioneiro das ciências da comunicação no Brasil. Vide: BELTRÃO, Luiz – *Folkcomunicação*, Porto Alegre, Edipucrs, 2001

Por sua vez, no terreno da *Comunicação Massiva* (58) a categoria monopolizadora é a *Imprensa* (53), cabendo espaços residuais ao *Jornalismo* (4) e ao *Rádio* (1). Permanece inexplorada a História dos processos audiovisuais, tanto o *Cinema* quanto a *Televisão*.

Finalmente, no que concerne à *Comunicação Popular* o total de referências é de apenas 35, resgatando a memória de festas tradicionais e manifestações típicas da cultura caipira.

Paradigmas intelectuais

Dentre os historiadores da comunicação paulista, dois deles assumem papel relevante: Lafayette de Toledo e Affonso de Freitas. O primeiro se destaca como desbravador da nossa historiografia midiática, sendo autor do mencionado estudo “Imprensa paulista: memória histórica”. Trata-se de um registro comentado dos jornais e revistas editados no Estado de São Paulo, no período 1827-1896, totalizando 1536 títulos. Essas anotações foram publicadas na terceira edição (p. 301-521) da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, ano de 1898.

Natural de Araxá (MG), Lafayette de Toledo fixou-se na cidade paulista de Casa Branca, onde viria a falecer ainda jovem, em 1907, aos 42 anos de idade. Formou-se como guarda-livros, mas exerceu a advocacia (como provisionado) e também o magistério. Todavia, sua principal atividade era a de fazendeiro, além de se haver dedicado à administração pública, ocupando cargos de promotor e vereador.

Filiando-se ao IHGSP, publicou três estudos em sua revista, o primeiro sobre a imprensa (3. edição), o segundo contendo um dicionário topográfico de Casa Branca (12. edição) e o terceiro, obra póstuma, enfeixando notas genealógicas (15. edição). Foi admitido também como sócio correspondente do IHGB, merecendo registro no *Dicionário Biobibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros* (TAPAJÓS; TÓRTIMA, 1993).

Sua produção historiográfica inclui ainda as obras: *Santistas ilustres* (1887), *Almanaque de Casa Branca para o ano de 1889* (1888) e *Índice sinótico, cronológico e analítico dos decretos, leis, regulamentos etc* (1893).

Cabe mencionar finalmente que a memória histórica de **Lafayette de Toledo** sobre a imprensa paulista seria tomada como fonte de consulta para que Alfredo de Carvalho incluísse São Paulo no quadro comparativo da imprensa brasileira publicado em 1908 por ocasião do primeiro centenário da introdução da tipografia no Brasil⁴.

4 CARVALHO, Alfredo de – Gênese e Progresso da Imprensa Periódica no Brasil, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo

Affonso de Freitas

O segundo historiador paradigmático, Affonso de Freitas, daria continuidade trabalho iniciado por Toledo, aprofundando e atualizando o inventário da imprensa paulista. Seu alentado estudo compõe-se de várias partes:

- 1) *A imprensa periódica de São Paulo (desde os seus primórdios em 1823 até 1914)*. Inicialmente divulgado sob a forma de artigo pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. 19, p. 321-1136, no ano de 1914, assume feição de livro no ano seguinte, publicado pelo Diário Oficial, contendo 813 páginas.
- 2) *Notas à margem do estudo “A imprensa periódica”*. Trabalho complementar, elucidando enigmas aflorados durante a pesquisa original e agregando novos dados ou esclarecimentos. Publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. 25, p. 445-490, ano de 1927
- 3) *O primeiro centenário da fundação da imprensa de São Paulo*. Conferência proferida no dia 7 de fevereiro de 1927, reconstituindo conceitualmente a trajetória da mídia impressa no Estado de São Paulo e vislumbrando suas tendências. Foi publicado pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. 25, p. 5-42, no ano de 1927.

Paralelamente a essa obra de fôlego, Freitas escreveria alguns estudos monográficos, ilustrando a fisiologia da imprensa paulista:

- O Correio Paulistano, em 1831 – *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. 20, p. 391-399, ano de 1915.
- O Farol Paulistano (1827) – *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. 31, p. 558
- O Paulista – *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. 34, p. 695. Refere-se ao jornal manuscrito, que circulou em 1923, dirigido por Antón Mariano de Azevedo Marques, mais conhecido como “Mestrinho”, a quem o autor confere o título de primeiro jornalista de São Paulo.

consagrado à Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário da Imprensa no Brasil, parte I, Rio de Janeiro, 1908.

Mas Affonso de Freitas não se limitaria a pesquisar sobre a História da Imprensa. Trata-se de escritor prolífico, cujas contribuições à *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* totalizam mais de uma centena de textos. Desse conjunto, mais de uma dezena focaliza a História da Comunicação.

Falecido em 1930, ele foi um historiador polivalente, que tratou de temas os mais diversos, denotando intensa participação intelectual na vida do IHGSP.

No segmento da *Comunicação Erudita* ele produziu estudos pontuais sobre o significado de palavras indígenas incorporadas à nossa linguagem cotidiana, além de instigantes dissertações, submetidas à análise dos seus pares da comunidade historiográfica. Dentre eles, destacamos:

- A instrução popular entre os anos de 1822-1922, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol.33, p. 402-455
- Erros da nossa História, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. 35, p. 365, onde concita os historiadores a combater erros provocados por descuidos da própria comunidade historiográfica.

Ao contrário da maioria dos historiadores da sua época, que desconhecia os fenômenos da cultura popular e negava sua importância para compor as análises de conjuntura então produzidas, Freitas publicou um repertório de ensaios sobre *Folkcomunicação*, como por exemplo:

- Folganças populares do velho São Paulo, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. 21, p. 5
- Folia do Espírito Santo, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. 23, p. 115
- Do Carnaval dos tempos coloniais ao carteretê moderno paulistano, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. 33, p. 324

Tais estudos seriam depois incorporados ao livro *Tradição e reminiscências paulistanas*, cuja 3ª edição, devidamente revista e anotada por Affonso de Freitas Júnior, passaria a integrar em 1978 a Coleção Paulista, publicada pelo Governo do Estado de São Paulo.

Primeira geração

As incursões seminais de Lafayette de Toledo e de Affonso de Freitas no território da História da Comunicação seriam continuadas por historiadores da geração que atuou de modo efetivo durante a primeira metade do século XX. Dentre eles, destacamos os seguintes:

Alfredo de Toledo – autor de artigo sobre os primórdios da imprensa de São Paulo, publicado no vol. 18 da *Revista do IHGSP*

Antonio Egídio Martins – autor de estudo sobre jornais e jornalistas, publicado no vol. 17 da *Revista do IHGSP*

Ernesto Ennes – autor do perfil biográfico de Teresa Margarida da Silva Orta, a primeira escritora paulista e primeira romancista brasileira, publicado no vol. 35 da *Revista do IHGSP*

Ernesto Senna – autor de artigo sobre a imprensa régia, publicado no vol. 13 da *Revista do IHGSP*

Estevão Leão Bourroul – autor de ensaio sobre a tipografia e a litografia no Brasil, publicado no vol. 13 da *Revista do IHGSP*

João Vampré – autor de estudos sobre festas tradicionais paulistas, publicados nos volumes 6 e 13 da *Revista do IHGSP*

Nicolau Duarte Silva - autor da biografia de Líbero Badaró, publicado no vol. 28 da *Revista do IHGSP*

Segunda geração

Dentre os historiadores que trouxeram contribuições relevantes para a História da Comunicação em São Paulo, na segunda metade do século XX, realçamos os seguintes:

Alceu Maynard – autor do artigo sobre quadrilha e lundu – vol. LVII da *Revista do IHGSP*

Antônio Barreto do Amaral – autor das monografias “Curioso crime de imprensa em 1866” (vol. LXII da *Revista do IHGSP*) e “Reparos e aditamentos à obra *A imprensa periódica de São Paulo* (vol. LXXXI da *Revista do IHGSP*)

Antonio Roberto de Paula Leite – autor de estudos sobre a República e a Literatura e sobre os Literatos na História do IHGSP – vols. LXXXVI e LXXXVIII da *Revista do IHGSP*

Célio Debes – autor do trabalho “A Imprensa Periódica de São Paulo de Afonso A de Freitas, posta em ordem alfabética” – vol. LXVIII da *Revista do IHGSP*

Erwin Theodor Rosenthal – autor do ensaio sobre Frei

Apolônio, primeiro romance do Brasil – LXXXVI da *Revista do IHGSP*

J. Pereira – autor do ensaio sobre a imprensa negra – vol. LXXXIII da *Revista do IHGSP*

Luiz Fernando Whitaker Tavares da Cunha – autor do artigo “O bicentenário de Hipólito José da Costa” – vol. LXXI da *Revista do IHGSP*

Conclusão

Não obstante os dados aqui reunidos demonstrem cabalmente o protagonismo do IHGSP na demarcação do território segmentado da História da Comunicação, torna-se indispensável uma análise meticulosa dos trabalhos produzidos por esses historiadores. É necessário confrontá-los metodologicamente com as obras que, a partir da segunda metade do século XX, passariam a ser geradas no espaço investigativo das universidades. Tanto nos Departamentos de História quanto nas Faculdades de Comunicação, onde viria a se corporificar a nova corrente da História Midiática.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Aroldo. A rede urbana paulista. In: BRUNO, Ernani da Silva (Org.). *São Paulo, terra e povo*. Porto Alegre: Globo, 1967.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BERTOLETTI, Esther. Bibliografia da Imprensa. In: *Periódicos Brasileiros em Microforma*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1985.

BRUNO, Ernani da Silva (Org.). *São Paulo, terra e povo*. Porto Alegre: Globo, 1967.

CARVALHO, Alfredo de. Gênese e Progresso da Imprensa Periódica no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* – tomo consagrado à Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário da Imprensa no Brasil, parte I. Rio de Janeiro, 1908.

DIEGUES JUNIOR, Manuel. *Regiões Culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: INEP, 1960.

LAROUSSE CULTURAL – *Brasil A/Z*. São Paulo: Universo, 1988.

LOVE, Joseph. *A locomotiva*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MARQUES DE MELO, José. *História do Pensamento Comunicacional*. São Paulo, Paulus, 2003.

MARQUES DE MELO, José. O estado atual da pesquisa e a comunicação no Brasil, *Anais do III Encontro Inter-regional de Cientistas Sociais do Brasil*. Recife: IJNPS, 1978, p. 183-189.

_____; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). *Pensamento Comunicacional Brasileiro: o legado das ciências humanas – v. 1 – História e Sociedade*. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. *Pragmatismo utópico na República de São Bernardo*. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2014.

MOTA, Carlos Guilherme. Exercício de memória. São Paulo: *Estudos Avançados* 17 (48), 2003.

RODRIGUES, José Honório. *A Pesquisa Histórica no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

TAPAJÓS, Vicente; TÓRTIMA, Pedro. *Dicionário Bibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros*, vol. 4. Rio de Janeiro: IHGB, 1993.

Fontes Hemerográficas

CORREA, Décio Pires. Índice-Repertório dos Cinquenta e Um Primeiros Volumes. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. LX. São Paulo, 1964.

SANTOS, Délio Freire dos; CARVALHO, Roberto Machado; GUERRA, Walter Pinheiro. Índices dos Números 51 a 88, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. LXXXIX, São Paulo.